



UFRRJ



PROPPG
Pro-Reitoria de Pesquisa
e Inovação
UFRRJ



RAIC 21/22
IX Reunião Anual de
Iniciação Científica

RAIDTEC 21/22
III Reunião Anual de Iniciação em
Desenvolvimento Tecnológico
e Inovação

Nossas Cientistas:

mulheres e ciência no Brasil,
ontem e hoje



1. Carolina Maria de Jesus
2. Bertha Lutz
3. Maria Conceição
4. Lella Gonzales
5. Mayana Zatz
6. Sonia Guimarães

UM PANORAMA SOBRE A ESPOROTRICOSE FELINA, CAUSADA PELO *SPOROTHRIX BRASILIENSIS* : UMA DOENÇA AINDA NEGLIGENCIADA NO PAÍS

IX Reunião Anual de Iniciação Científica da UFRRJ (RAIC 2021/2022) e III Reunião Anual de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (RAIDTEC 2021/2022) - UFRRJ, 0ª edição, de 15/05/2023 a 19/05/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-041-0

SALE; FABIANA PORROZZI ¹, NASCIMENTO; DANIELLE DE OLIVEIRA ²

RESUMO

A esporotricose é uma doença fúngica e zoonótica, causada por espécies do clado patogênico do gênero *Sporothrix*, sendo considerada uma doença negligenciada pela OMS. Essa patogenia possui distribuição mundial, mas é principalmente encontrada em países tropicais e subtropicais. É considerada a micose subcutânea mais frequente do mundo e, atualmente, encontra-se espalhada pelo Brasil. Na maioria dos casos a doença está restrita aos tecidos cutâneo e subcutâneo, podendo ser disseminada em indivíduos imunocomprometidos. Classicamente, a esporotricose é causada pelo fungo *Sporothrix schenckii*, entretanto estudos mostram que no Brasil, a espécie prevalente é a *Sporothrix brasiliensis*. No país, o aumento de casos de esporotricose humana foi observado a partir de 1998, no Rio de Janeiro, onde há uma epidemia zoonótica urbana com o registro de cerca de 5 mil casos de 1997 a 2011. A infecção da esporotricose associada às espécies *S.schenckii* e *S.globosa* é considerada ocupacional, recreacional, ou ambas, todavia para a espécie *S.brasiliensis* a transmissão tem sido caracterizada como decorrente de mordida, arranhões ou contato direto, especialmente, pelo gato doente. No Rio de Janeiro, foram reportados 4.669 casos de esporotricose felina durante 1998 a 2016. Essa característica atual de transmissão tem sido correlacionada com sintomas mais graves nos humanos, com aumento do relato de casos graves em pacientes imunocompetentes, e nos felinos, que infectados desenvolvem lesões múltiplas, repletas de células leveduriformes e quadros da doença disseminada. Este trabalho de revisão de literatura possuiu o objetivo de entender melhor essa doença zoonótica pouco compreendida no novo contexto da infecção pela espécie *S.brasiliensis*, com o auxílio de estudos que abordaram fatores de virulência, aspectos imunológicos e as formas de tratamento, prevenção e controle. A meta foi compilar informações recentes sobre a esporotricose felina. Como metodologia para essa revisão, foram utilizados artigos científicos selecionados e pesquisados,

¹ UFRRJ, fabi_sale2010@hotmail.com

² UFRRJ, daniiongabi@gmail.com

em sua maioria, no PubMed e no Google Scholar com ênfase no agente *S.brasiliensis*. Assim, os prováveis fatores de virulência do agente, o tratamento e o diagnóstico, tanto da esporotricose felina como da esporotricose nos humanos foram questões discutidas nesta revisão, conferindo-nos como resultados um maior esclarecimento e entendimento acerca da tríade da doença (apresentação clínica, tratamento e diagnóstico) e como monitorá-la junto com estratégias de controle e prevenção no contexto de saúde única. Por fim, a grande complexidade do *S.brasiliensis*, a sua alta taxa de virulência, sua infecciosidade e subnotificação, a falha na terapêutica e interrupção do tratamento por parte do tutor, atrelado à dificuldade de controle em razão do hábito de vida dos gatos, somados a ausência de conhecimentos relacionados a essa nova espécie, fazem com que a proliferação e o descontrole desse fungo constituam um problema de saúde pública. Como consequência, sem a interrupção na cadeia de propagação desse patógeno, observa-se no Brasil, o aumento de casos de esporotricose, aumento na distribuição de doentes entre os municípios brasileiros e convívio silencioso com surtos e epidemias da doença pelas últimas duas décadas. Logo, mais estudos são necessários e há urgência na adoção de medidas pelas autoridades de saúde do Brasil para o controle dessa zoonose.

PALAVRAS-CHAVE: Sporothrix, ESPOROTRICOSE, Sporothrix brasiliensis

¹ UFRRJ, fabi_sale2010@hotmail.com

² UFRRJ, daniongabi@gmail.com